

uma razoável estabilidade no mercado cafeeiro nos próximos seis anos. E nos próximos dois anos a participação do Brasil estará garantida.

Não param aí, entretanto, as vantagens para o Brasil. Mudou-se também o fator de conversão do café solúvel de 3 para 2,6, o que significa um aumento efetivo de nossa cota em cerca de 350 mil sacas anuais de café solúvel. Pouca gente percebeu essa grande vantagem. Mais uma outra importante vantagem foi conseguida, essa com o decisivo apoio do governo da RFA e dos EUA, que foi a mudança do nome "café arábicos não-lavados" para "café arábicos brasileiros". Isso não só é propaganda para o Brasil como também retira uma conotação de qualidade inferior a que o antigo nome induzia.

A Rural: O ministério tem podido aquilatar o otimismo dos produtores com a nova cota? Como tem sido? Eles realmente estão otimistas mesmo com a existência de preços que poderiam ser bem melhores?

Penna: O Brasil conseguiu ficar isento no primeiro ano de vigência do convênio, 82/83, do primeiro corte de cotas até 80 mil sacas, na hipótese que venha a ocorrer redução de cota global. Essa redução pode ser ocasionada pelo comportamento dos preços, ou seja, se os preços caírem muito, haverá redução na cota global, com redução na cota de cada país, mas o primeiro corte na cota global, não atingirá o Brasil. Isso quer dizer que nossa cota, na verdade, é maior que 15 milhões 974 mil sacas.

Esse conjunto de vantagens, a meu ver, foi da maior importância. O mercado já reagiu muito favoravelmente e os preços, que em 2 de agosto situaram-se na média em 115 cents, já em 12 de outubro haviam atingido 127 cents, com toda condição de se firmar. Assim, me parece que o trabalho conjugado do MIC e do IBC foi muito importante e com todo apoio do presidente Figueiredo nesse sentido. O que se conquistou junto aos países consumidores através de seus embaixadores em Brasília ou através de contratos que mantivemos, seja nos EUA ou na Colômbia, fazendo todo um trabalho de base anterior, permitirão resultados que eu, pessoalmente, considero muito bons. Acredito que o novo acordo internacional do café foi uma das grandes vitórias internacionais do Brasil no ano de 1982.

Conjugado com isso, o governo está revendo os preços de garantia aos produtores em intervalos menores. Houve uma revisão desses preços em 10 de outubro e, como o mercado está muito firme, com esta revisão dos preços de garantia transferiu-se lucro do exportador para o produtor. O fato da cota de contribuição estar congelada em 50 dólares está, entretanto, retirando alguma massa de manobra do IBC e eu, realmente, preocupo-me com essa redução de flexibilidade administrativa que se verifica. No entanto, o governo está cumprindo os seus compromissos e o IBC tem comprado café a tempo e a hora, quando o oferecem, e o nosso estoque aumentou. O estoque do IBC está em níveis bastante bons e eu espero que de agora em diante só bons preços externos levem os produtores retendo seu café até o último momento, transferir-se o produto aos exportadores para vendas externas. Nós já estamos com um estoque na mão do IBC bastante razoável e não queremos que esse estoque cresça muito agora. Isso não quer dizer que não compraremos mais. O café ofertado ao preço de garantia será comprado.

A Rural: Qual o conceito que o café brasileiro tem lá fora? É considerado um dos melhores?

Penna: O conceito que o café brasileiro tem no mundo certamente é muito bom. O Brasil é o maior produtor mundial, é o maior exportador mundial e tem um ótimo conceito de cumprir os seus contratos, entregar o seu café dentro do prazo programado e na qualidade contratada. Isso não quer dizer que o café é o melhor. O problema de qualidade é um problema muito ligado a clima, a altitude, muito ligado à terra, muito ligado ao trato. Então o café colombiano, por exemplo, em alguns casos, alguns consumidores podem tê-lo melhor que o Brasil por uma questão de gosto. Não há nenhuma escala mundial que defina o que é melhor em matéria de café.

Certamente existem cafés melhores e cafés piores mas dentre os melhores é muito difícil saber qual o melhor. Isso depende um pouco do consumidor. Certamente os cafés tido como suaves são cafés de alta categoria. Mas o café arábico brasileiro é também um café de grande categoria. Muitos consumidores acham que é o melhor dos cafés, outros acham que é o colombiano. Isso é uma questão de gosto de cada um.

A Rural: Quantos dólares o café poderá trazer para o Brasil no próximo ano cafeeiro?

Penna: No corrente ano o café proporcionará ao país uma receita de divisas superiores a US\$ 2,1 bilhões, contra US\$ 2 bilhões em 1981. Do total da exportação do ano passado, US\$ 1,75 foram de vendas diretas e cerca de US\$ 200 milhões de resgate de avisos de garantia. Em volume, as exportações de café passaram de 12,3 milhões de sacas em 79, para 15,1 milhões em 1980 e 15,9 milhões em 1981.

Em 1982 serão exportadas entre 17,5 milhões e 18 milhões de sacas para os países membros e não-membros da Organização Internacional do Café.

A Rural: O ministério também está preocupado com a queda do consumo no país?

Penna: O ministério também está preocupado com a queda de consumo no país, que não é exatamente queda, é mais uma estabilização de consumo que, confrontada com o aumento da população, significa um menos consumo unitário. É preciso deixar bem claro isso: o consumo total não caiu. O que caiu foi o consumo unitário "per capita". Por que a população cresceu e o consumo brasileiro está estabilizado entre sete e oito milhões de sacas por ano. Está estabilizado há alguns anos. Parece-nos que a mocidade brasileira deveria voltar ao hábito salutar do cafezinho, ao invés de alguns refrigerantes importados ou algo semelhante. Certamente o café tem-se destacado em alguns países como provocador de algumas doenças, uma excitação, mas nós temos estudos muito recentes, inclusive de melhores laboratórios americanos, de que o café é anticancerígeno, ao contrário do que se andou espalhando no exterior para reduzir o consumo de café e um pouco menos de produtos importados. Isso não quer dizer que devamos aumentar muito o nosso consumo interno de café, porque precisamos reservar 17 a 18 milhões de sacas para exportar. Porque é uma forma de obtermos divisas necessárias ao país.